

PROJETO QUERINO

O projeto Querino é apoiado pelo Instituto Ibirapitanga.

O podcast é produzido pela Rádio Novelo.

Episódio 04: O colono preto

<<<<< som de TV ligando >>>>>

Voz 01: Uma polêmica em sala de aula. A lei sancionada pela presidente Dilma que cria cotas para estudantes de escolas públicas nas universidades federais divide opiniões.

Voz 03: É, de um lado os alunos do ensino particular que são contra...

Voz 04: Justamente porque diminui a quantidade de vagas aumentando a relação candidato-vagas, e você tem que estudar mais pra isso, colocar mais de você.

Voz 05: Agora a gente talvez tenha que estudar mais, abdicar mais de outras coisas, talvez até do tempo de diversão pra buscar uma coisa que era menos impossível.

<<<<< som de TV desligando >>>>>

Tiago Rogero: Em 1760,
uma mulher, o nome dela era Isabel,
fez um pedido pro juiz de órfãos de Mariana, em Minas Gerais.

O marido da Isabel tinha morrido, e quem administrava a herança não era ela, mas o juiz.

A Isabel tava pedindo uma quantia para que os dois filhos dela pudessem continuar a... estudar.

Pedindo dinheiro dela, da herança do marido dela, do pai dos filhos dela.

Ela argumentou que um dos garotos tava estudando pra virar boticário, que é quem nessa época fazia os medicamentos; seria o equivalente hoje ao farmacêutico.

E o outro filho, mais novinho, tava aprendendo a ler e a escrever.

O juiz disse...
não.

Falou pra Isabel que, como os filhos dela eram pardos,
e foi essa a palavra que ele usou, como eles eram pardos,

que não se justificava gastar dinheiro com educação,

e que o que eles deveriam mesmo fazer

era trabalhar.

<<<< som de TV ligando >>>>

Voz 06: Olha, as cotas raciais foram aprovadas há pouco por unanimidade. Mas acima dessa discussão há um princípio que não podemos ignorar. Neste país, todo cidadão é igual perante a lei. Digno das mesmas oportunidades, seja branco, negro ou índio.

<<<< som de TV desligando >>>>

Tiago Rogero: Em 1856, um professor, o nome dele era Pretextato dos Passos e Silva, enviou um dossiê pro Império.

Ele tava tentando há algum tempo, já, abrir uma escola, no Rio de Janeiro.

E o principal argumento dele era:

olha, eu tô sendo convocado por várias famílias que tão pedindo pra eu montar um curso pras suas crianças, de cor preta e parda.

O Pretextato dizia lá que, em outras escolas,

"os pais dos alunos da cor branca não querem que seus filhos ombreiem com os de cor preta,

e os professores repugnam admitir os meninos pretos e, alguns destes que admitem, na aula não são bem acolhidos".

O professor Pretextato ainda escreveu que, por causa do preconceito, as crianças negras não estavam recebendo uma ampla instrução, por estarem coagidas.

E que na escola dele esses casos de discriminação não aconteceriam por ser ele, o Pretextato, um homem negro.

<<<<< som de TV ligando >>>>>

Voz 07: Não aceito, rejeito peremptoriamente cotas na universidade, cotas em qualquer lugar. Por que cotas? Por quê? Qual é a razão da cota?

<<<<< som de TV desligando >>>>>

Tiago Rogero: Em 1967, a revista "Realidade", que não existe mais, resolveu fazer um experimento.

Colocou dois repórteres pra passarem pelas mesmas situações em Salvador, na Bahia.

Um era negro, um era branco.

Um desses testes era, por exemplo, tentar matricular uma criança numa escola infantil. Não levando a criança junto, claro. Mas o repórter, se passando por um pai, chegava, pedia pra conhecer a estrutura e perguntava se tinha vaga.

E foi lá o primeiro repórter. A diretora,

"com toda a cordialidade, disse pra ele que lamentavelmente não tinha mais lugar".

Passou um tempinho, lá foi o segundo. E a diretora

"sorriu muito, consultou a lista de matrícula e concluiu alegre: 'O senhor tem sorte. Ainda tenho vagas. Quer fazer a matrícula já?'".

Eu preciso dizer qual que era o branco e qual que era o negro?

<<<<< som de TV ligando >>>>>

Jair Bolsonaro: Vocês estão enganando os negros, achando que eles vão fazer faculdade, vão conseguir... Vai ter muito negro 'laranja' nessa situação aqui. Laranja. Vão ser enganados. Vai ocasionar aqui briga entre nós. Vocês estão alimentando ódio entre brancos e negros.

<<<<< som de TV desligando >>>>>

Tiago Rogero: A primeira Constituição do Brasil, aquela lá de 1824, imposta pelo Dom Pedro I, é também a mais longa da nossa História. Ela durou todo o Império, só caiu em 1891. E essa nossa primeira constituição previa instrução primária e gratuita pra todos os cidadãos.

E você lembra, porque a gente falou disso lá no 1º episódio, quem que era considerado cidadão nessa época, né, pela lei?

Toda pessoa livre, nascida no Brasil.

Ou então portugueses que já moravam aqui desde antes da Independência.

Quem ficava de fora, quem não era cidadão e por isso não teria direito à educação, eram os africanos, ainda que fossem livres,

e os escravizados.

Dez anos depois, um ato adicional determinou que os estados, na época eram províncias, é que deveriam legislar sobre educação.

Daí teve estado que achou melhor reforçar essa proibição pra pessoas escravizadas em sala de aula: Minas Gerais e Goiás aprovaram, em 1835, leis dizendo que,

"somente as pessoas livres podem frequentar as escolas públicas".

Tipo, isso já tava claro pela Constituição. Mas eles precisavam reforçar.

Em 1854, na Corte, teve um decreto que regulamentou o ensino primário e secundário. E dizia lá que os escravizados não seriam admitidos em nenhum dos dois.

Daí nos anos 1870, bom, vai vendo.

Na escola cê deve ter aprendido sobre a Lei do Ventre Livre.

A gente vai falar mais sobre ela em outro episódio, mas, resumindo bem, foi uma lei aprovada em 1871

que dizia que,

"os filhos de mulher escrava que nascerem no Império desde a data desta lei serão considerados de condição livre".

Daí os senhores podiam escolher quando eles dariam a liberdade pra criança:

aos 8 anos de idade, recebendo uma indenização do Império; ou aos 21 anos, quando a criança já era um adulto, e aí seria sem indenização.

Quer dizer: todos esses anos de trabalho forçado da criança, depois adolescente, contariam como indenização.

Segundo um historiador que estudou a aplicação da lei, o Ricardo Salles, em 95% dos casos os senhores escolheram a...

2ª opção.

Bom, mas o que que isso tem a ver com educação?

É que, se o senhor escolhesse a 2ª opção, ele também era obrigado a educar aqueles jovens.

Daí teve estado, como Minas Gerais,

ê, Minas Gerais...

Mas também Bahia, Santa Catarina, Goiás, Paraíba e São Paulo, que fizeram novas leis reforçando que escravizados não poderiam frequentar a sala de aula.

Pra que nem mesmo esses jovens que dali a alguns anos ficariam livres

pudessem estudar.

Olha o nível de crueldade disso.

E, assim, mesmo para quem era livre e por isso tinha direito de estudar,
Mesmo pra quem era na teoria um cidadão brasileiro,

o que era o acesso à educação numa sociedade alicerçada na escravidão?

Numa sociedade em que um professor negro precisava criar uma escola na casa dele,
porque as crianças negras da vizinhança não eram aceitas em outras escolas, pelos pais
das crianças brancas.

Uma sociedade em que um juiz dizia pra uma viúva que ela não poderia usar o dinheiro
dela pra educar os filhos dela porque, como pardos, eles deviam mesmo era trabalhar.

E mesmo depois da abolição,
e mais recentemente.

<<<< som de TV ligando >>>>

Voz 08: Uma aluna de uma escola particular na Zona Sul foi vítima de ataques
racistas feitos por colegas da escola num grupo de conversa por aplicativo. A
família registrou o caso na polícia.

<<<< som de troca de canal na TV >>>>

Voz 10: Em mensagens num grupo de WhatsApp, um garoto de 14 anos foi alvo de
ataques racistas pelos colegas de classe. Nas mensagens os alunos praticaram
bullying dizendo não saber que negros não eram pobres, ou que podiam ter
celular ou estudar e que tinham saudade de quando eles eram escravos.

<<<< som de TV desligando >>>>

Tiago Rogero: E esses foram só alguns exemplos, mas eu literalmente poderia citar
dezenas.

Centenas.

Mas, olha, se teve uma coisa que o povo preto nunca fez neste país,
foi ficar parado.

Aceitar a condição de presa,
ficar de braços cruzados.

Mesmo com todos esses impedimentos,
e mesmo na época da escravidão,

houve pessoas
e houve muitas pessoas,

que conseguiram estudar.

Que aprenderam a ler pra ensinar seus camaradas.

E não só isso:
pelas regras do próprio jogo que tentava de todo jeito impedir o acesso delas,
pessoas negras que se tornaram intelectuais.

Referências.

Revolucionárias.

Tão incríveis e inspiradoras que, hoje, dão nome por exemplo a este projeto.

Eu sou o Tiago Rogero,
este é o podcast do projeto Querino,
produzido pela Rádio Novelo.

Episódio Quatro: O colono preto.

Tem um período que é considerado um dos mais turbulentos da História do Brasil.

Cê lembra que, em 1831, o Dom Pedro I renunciou e deixou no comando o filho dele, o Dom Pedro II, que tinha só 5 anos?

Como não dava pra deixar uma criança no poder, ficou acertado que, até o menino atingir a maioridade, o Brasil seria governado por um regente.

Daí os políticos se revezaram nesse posto.

No 2º episódio, a gente falou um pouco sobre como os ânimos tavam inflamados nessa época.

Porque pensa só: não tinham nem dez anos que o Brasil tinha se separado de Portugal.

Daí já rolava um medo de recolonização, o imperador renuncia, entra um monte de político no lugar...

E isso num país gigantesco, com regiões que não tinham nada a ver uma com a outra.

Por causa dessa instabilidade política, começou a ter revolta atrás de revolta pelo país.

Teve por exemplo a Rebelião Malê, promovida por africanos muçulmanos na Bahia, e a gente vai falar mais sobre ela em outro episódio;

teve também a Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul;

a Cabanagem, no Grão-Pará;

e teve a Balaiada, no Maranhão.

A Balaiada estourou por causa de tensões entre o poder local, as autoridades da província, como se fosse uma sucursal do Poder Imperial;

versus os proprietários rurais e comerciantes locais.

Uma disputa pelo poder.

E teve muita participação popular.

É considerada a maior revolta popular camponesa de todo o período do Império no Brasil.

Aliás, ela tem esse nome porque um dos líderes era o Manuel Balaios.

Mas não é dele que eu vou falar.

Maria Natividade: Primeiro, é que eu acho que é interessante, é o nome completo do Cosme. Cosme Bento das Chagas.

Tiago Rogero: Esta é a Maria Natividade Silva Rodrigues, professora, historiadora e socióloga.

Ela tá falando sobre outro líder da Balaiada.

Um que entrou pra História

como Negro Cosme.

Maria Natividade: Como é que ele se colocava, qual era o olhar do Cosme dentro dessa sociedade escravista? Ele sempre teve consciência da sua negritude, ele sabia ler e escrever. Foi um líder da resistência e é um símbolo pra nós, para todo povo negro, e inclusive nós, aqui do Maranhão, onde aconteceu todo esse emaranhado da Balaiada.

Tiago Rogero: Quando estourou a Balaiada, a fuga de escravizados aumentou.

E essas pessoas foram formando quilombos, e acabaram participando da resistência também.

Tem uma estimativa de que o Cosme chegou a comandar tropas de mais de 3 mil quilombolas.

E no meio dessa confusão toda,
ele criou uma escola
de primeiras letras, pra ensinar a ler e a escrever,

dentro de um quilombo,
em Chapadinha, que fica a uns 250 km de São Luís.

Maria Natividade: Quando a gente pensa sobre essa questão da escola, era uma necessidade, como ele sabia ler e escrever, não era possível ter autonomia, não era possível ter justiça e liberdade sem uma escolaridade. Então, essa escola, quebrou um paradigma também, do momento que não era acessível escola. Ele ousou, ele foi extremamente ousado nessa construção ligada ao outro, isso é a visão também do outro, enxergou as crianças que seriam os futuros militantes num termo mais de agora, mas que seria esse pessoal que iria construir essa sociedade justa, liberta, como era o grande sonho de Cosme.

Tiago Rogero: Esse quilombo onde ficava a escola, o nome era Fazenda Lagoa-Amarela, acabou durando dois anos, até que foi destruído pelas forças imperiais.

A repressão do Império à Balaiada foi comandada pelo Duque de Caxias.
Sabe o Duque de Caxias, que é patrono do Exército Brasileiro?
Ele comandou todas as repressões de grandes revoltas nesse período.
Só na Balaiada, a operação matou cerca de 6 mil pessoas. 6 mil pessoas.

É por isso que tem muita gente que chama ele de "genocida",
mas tem quem chame de "pacificador" também.

<<<< som de TV ligando >>>>

Voz II: Durante a campanha houve momentos de divisão entre os eleitores. Que palavras o senhor daria agora pra pacificar o país?

Jair Bolsonaro: Não sou o Caxias, mas sigo o exemplo desse grande herói brasileiro. Vamos pacificar o Brasil, e sob a Constituição e as leis vamos construir uma grande nação.

<<<< som de TV desligando >>>>

Tiago Rogero: Curioso que quem começou o governo se autodenominando pacificador chegue ao fim do mandato sendo chamado de genocida também.

Enfim, mas voltando pro que interessa,
os registros que ainda existem sobre a escola criada pelo Negro Cosme são dos relatórios dessa repressão.

Vários líderes brancos da Balaiada foram presos e depois anistiados,
mas o Cosme foi enforcado em praça pública.

O Clóvis Moura, grande intelectual que a gente citou no episódio passado, escreveu que o Duque de Caxias só se referia ao Cosme como o infame Cosme.

Era medo.

Não só do Cosme, em si,
mas do que a figura dele representava e representa.

Maria Natividade: E ele pensar nessa coisa de educação, pensar no outro, é isso que eu acho que é interessante no Cosme, que é uma grande lição que ele deixa pra gente. Eu não posso mais pensar só em mim. E esses outros? Essa liberdade que eu tanto sonho. Se não tiver escolaridade, ela não é completa.

Tiago Rogero: Demais. Chama muito a atenção porque além de um líder de resistência e de vulto, ele criou uma escola num quilombo, mas essas iniciativas durante esse período da escravidão de pessoas negras criando escolas de primeiras letras é muito, muito comum, né?

Maria Natividade: Ó a Maria Firmina, o exemplo, criou também, né?

Tiago Rogero: E a dela uma escola mista, né?

Maria Natividade: Pois é, era mais ousado ainda. Como é que ela, ela ia criar e juntar menino e menina... já imaginou? Aí a gente percebe, Tiago, o grau de consciência política, né, e de engajamento dessas pessoas mesmo nesse tempo duro, restrito, e aí eles gritaram, né? Então assim, quando eu penso essa escola do Cosme, é essa consciência política incrível que ele tinha, que essa alteridade social só se passa pela questão da educação.

Tiago Rogero: Maria Firmina dos Reis.

A maranhense Firmina foi a primeira mulher a publicar um romance abolicionista na América Latina e a primeira autora negra a publicar um livro em todos os países de língua portuguesa.

Isso em 1860.

Eduardo de Assis Duarte: Maria Firmina dos Reis é antes de tudo uma precursora. Maria Firmina dos Reis é antes de tudo uma pioneira. Enquanto mulher e enquanto mulher negra.

Este é o Eduardo de Assis Duarte, escritor, professor e criador do Literafro, o Portal da Literatura Afrobrasileira.

Eduardo de Assis Duarte: Uma precursora enquanto autora de literatura, e precursora em várias outras instâncias também no que diz respeito à condição da mulher. Podemos dizer que foi uma feminista *avant-la-lettre*. Uma feminista antes do feminismo realmente desabrochar no século XX.

Tiago Rogero: A Firmina nasceu livre.

A mãe dela, Leonor, era uma ex-escravizada e mãe-solo.

Agenor Gomes: Aqui nós já estamos na Praça do Pantheon. Chegando à Praça do Pantheon.

Tiago Rogero: Praça do Pantheon, em São Luís, capital do Maranhão.

Esse que tava me mostrando tudo por lá é o Agenor Gomes.

Ele é autor da biografia "Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil".

Dilercy Adler: Aqui na biblioteca, o Nascimento Morais Filho pesquisou, ele encontrou Maria Firmina (risos). Acredita que o primeiro encontro dele com Maria Firmina foi aqui, né, Agenor?

Tiago Rogero: E esta é a Dilercy Adler, professora, escritora e pesquisadora, e uma das responsáveis por ter feito a história da Firmina chegar aos dias de hoje.

Dilercy Adler: Foi nessa biblioteca que Nascimento Morais Filho fez muitas das suas pesquisas, que ele encontrou o... trabalhos de Maria Firmina, foi no porão da biblioteca.

Tiago Rogero: Dali a gente foi até outro ponto do Centro de São Luís.

Dilercy Adler: Olha o Palácio dos Leões, aqui é o muro do palácio.

Tiago Rogero: Nossa.

Dilercy Adler: O jardim fica atrás, é lindíssimo. Olha só: a construção, a arquitetura do palácio...

Agenor Gomes: Aqui era o palácio do governo já na época de Maria Firmina já existia esse palácio. Quando ela é aprovada no concurso público pra cadeira de primeiras letras do sexo feminino em Guimarães, e depois de então ela é convocada pra vir receber a sua... o ato de nomeação aqui no palácio do governo.

Tiago Rogero: Guimarães é o nome dessa cidade no interior do Maranhão onde a Firmina morou.

Agenor Gomes: Em 1847, olhe lá, essa filha de escrava faz um concurso, negra, ela faz um concurso naquela situação, olha lá, hein, em plena escravidão, ela consegue ser aprovada no concurso público com todas aquelas barreiras da sua etnia, de ser mulher, tudo isso em 1847.

Eduardo de Assis Duarte: E é absolutamente revolucionário, porque havia escolas para professores de Ensino Básico, mas essas escolas eram todas destinadas aos rapazes. A maioria dos professores primários, vamos chamar assim, eram homens.

Tiago Rogero: Depois que ela passou no concurso, ela voltou pra Guimarães, que fica a mais ou menos uns 200 km de São Luís.

Mas na verdade é um pouco mais longe porque você precisa pegar um *ferryboat* pra atravessar a Baía de São Marcos, daí mais umas três horas de carro.

E foi isso que eu fiz.

Antônio Marcos: A casa era, eram essas duas. Era daqui até lá naquele outro (som de motocicleta)...

Tiago Rogero: Ah era bem, bem no Centro.

Antônio Marcos: Isso.

Tiago Rogero: Bem na praça, né?

Antônio Marcos: É. E aqui foi a placa que foi colocada naquele período. 'Esta casa foi escola e residência de Maria Firmina dos Reis'...

Tiago Rogero: Este é o Antônio Marcos, cientista social que me recebeu lá em Guimarães, onde a Firmina morou e deu aula por quase toda a vida dela.

Antônio Marcos: Aqui tinham várias fazendas. Tinha um barracão que era feito pra armazenar produtos, e ela teria pedido aquele barracão, já aposentada, pra lecionar, pra abrir pra meninos e meninas, pessoas diversas origens sociais. Dizem que ela também foi pioneira no transporte escolar, porque ela alugava carro de boi, ou chamava o pessoal de carro de boi pra levar os alunos pra assistir aula.

Tiago Rogero: Uma outra coisa importante sobre a escola mista, é que não era só uma questão de juntar menino e menina na mesma sala, o que já foi muito disruptivo na época.

Eduardo de Assis Duarte: A criação de uma sala de aula mista, naquela época, implicava uma coisa que é absolutamente nova, que é fornecer a meninas e meninos o mesmo conteúdo.

Tiago Rogero: De novo o professor Eduardo de Assis Duarte.

Eduardo de Assis Duarte: Isso era absolutamente revolucionário pra época, já que o currículo da educação feminina mal passava das primeiras letras e das primeiras operações aritméticas e incluía bordado, música e tudo mais que fosse necessário para uma futura mãe de família daquela época.

Tiago Rogero: Desde muito tempo no Brasil, os currículos eram diferenciados de acordo com o sexo da criança.

Meninas praticamente eram educadas só pra serem donas de casa, e nada mais.

Isso as que podiam estudar, que como a gente viu não era o caso de toda a população.

Claudia da Silva: Eu sou a professora Claudia Cristina Rodrigues da Silva. É, sou professora de Língua Portuguesa, é, do Centro de Ensino Nossa Senhora da Assunção.

Tiago Rogero: Em Guimarães.

Claudia da Silva: Em Guimarães. Não faz muito tempo, né, que a gente desenvolve um trabalho assim voltado pra falar da professora Maria Firmina. Porque o que nós tínhamos, é, de material sobre Maria Firmina era muito pouco. Até porque os

nossos livros nem falam quase de mulheres, né? É verdade. Os escritores são todos homens, né? (risos)

Tiago Rogero: É. Todos homens e brancos.

Claudia da Silva: E brancos. A gente não vê a mulher. Eu estudei literatura, me formei aqui, nunca estudei nenhuma mulher.

Tiago Rogero: E pros alunos daqui de Guimarães saber que teve essa intelectual que morou aqui, que escreveu um romance abolicionista, totalmente à frente do seu tempo, que diferença que faz pra eles? Como que cê sente isso?

Claudia da Silva: É uma diferença muito grande porque eles se identificam. Porque nós temos, é, muitas comunidades quilombolas e os nossos alunos, eles vêm dessas comunidades. Então ter alguém como referência, é, nacional e até mundial pra eles é assim... eles se sentem valorizados. Porque, Maria Firmina negra, é, morou em Guimarães... E para os alunos, eles se sentem valorizados, importantes. Ainda mais que as famílias daqui todas são afrodescendentes, né?

Tiago Rogero: Tem muita comunidade quilombola nessa região entre São Luís e Guimarães.

É onde fica por exemplo Alcântara, onde centenas de comunidades quilombolas tão lutando contra a instalação do Centro de Lançamento de Alcântara, um complexo da Força Aérea Brasileira construído durante a ditadura militar, e que foi foco de um acordo assinado entre o Bolsonaro e o Donald Trump em 2019.

Pra que não haja mais remoções dessas famílias, as comunidades têm resistido há anos no Judiciário, inclusive em tribunais internacionais.

E a base pra uma dessas ações foi a pesquisa e o livro desse cara.

Davi Pereira Junior: Bom, meu nome é Davi Pereira Junior. Mas aqui dentro do território todo mundo me chama de Junior, porque é onde eu fui crescido, socializado com as pessoas. Eu sou nascido e criado aqui no Itamatatiua.

Tiago Rogero: Itamatatiua é o nome da comunidade quilombola. Quer dizer terra, água e peixe.

Depois de estudar os primeiros anos todos na comunidade, o Davi fez a graduação em História, mestrado em Antropologia e depois doutorado nos Estados Unidos, em estudos da América Latina e da Diáspora Africana.

Davi Pereira Junior: Os pais vinham e construíam a escola, pra poder os filhos estudarem. Porque a prefeitura nunca tinha ligado de fazer o prédio por exemplo, de alvenaria. Então a escola era aqui. Era uma escola de taipa que tinha mais ou menos aí uns 4 m de frente com, com uns 8 m de fundo. Era uma sala, né, que tinha cadeira de madeira. Tinha aí umas 20, 25 cadeira de madeira e tinha um quadro negro lá atrás. Ela era coberta de palha, né, e tapada de barro. O chão batido também de barro.

Tiago Rogero: Na época do Davi, essa escola ia só até a 3ª série.

Então pra seguir os estudos precisava ir até a cidade de Alcântara, que fica a uns 60 km de Itamatatiua.

Precisava ir e voltar todo dia, mas não tinha transporte público escolar.

Daí tinha a outra opção:

Davi Pereira Junior: Terminar a 3ª série e ficar fazendo a 3ª série, repetindo, repetindo, repetindo, repetindo... no meu caso eu repeti três vezes. A maioria das pessoas acabavam desistindo de fazer isso porque a escola perde a graça, como se você acordasse de manhã e repetisse todo teu dia, um déjà vu que você faz isso todo ano. E acho que muito da minha não desistir do processo de educação também teve pelo fato da minha mãe ser professora, né? Então isso me abriu a possibilidade de continuar na escola, e também dela não deixar que eu me evadisse da escola.

Tiago Rogero: A mãe do Davi era a professora dessa escola da comunidade.

Tiago Rogero: Qual que era o nome dela?

Davi Pereira Junior: Maria Teresa de Jesus Pereira.

Tiago Rogero: Ela nasceu aqui?

Davi Pereira Junior: Ela nasceu aqui. Essa forma de organização era bem interessante, né? Porque aí você se organiza em torno da escola também, né? Porque escola também é um movimento de mobilização da comunidade no sentido das pessoas terem a consciência... pessoas que nunca foram à escola, por exemplo, que nunca tiveram a oportunidade de ir a escola, mas tinham consciência da necessidade dos filhos poderem estudar, isso fazia com que, por exemplo, o processo de construção da escola fosse um processo que as pessoas se engajavam.

Tiago Rogero: Histórias de superação, contar essas histórias,

carrega um risco.

O risco de cair no discurso raso

da meritocracia.

Como se esses casos,
que são a exceção,
fossem a resposta pra tudo.

Como se todos os anos de impedimento de acesso ao ensino antes da abolição,
e todos os anos de ensino precarizado e preconceituoso depois da abolição,

como se tudo isso pudesse ser resolvido se as pessoas tivessem

força de vontade.

Se fossem mais como o Cosme, como a Firmina, como a mãe do Davi.

O que eu vou dizer agora é uma obviedade, mas a gente precisa lembrar:

educação é um dever do estado.

Para todos os seus cidadãos.

E, pra quem ainda cai na balela da meritocracia,

você lembra, porque a gente falou isso no 2º episódio,
quem que realmente trabalhou e se esforçou pra produzir todas as riquezas do Brasil.

Pra possibilitar que filhos de brancos pudessem fazer faculdade, até fora do país.
Pra gerar as heranças que hoje pagam a educação dos descendentes desses senhores.

Força de vontade,
esforço,
luta,

mérito

nada disso nunca faltou pras pessoas negras no Brasil.

Se não fosse por tudo isso, nós hoje nem estaríamos aqui.
Porque o que o Estado Brasileiro queria, depois que foi obrigado a acabar com a
escravidão, e não via mais valor nenhum na parcela negra de sua população...

O que o Estado Brasileiro queria, como ainda quer,

é eliminar essa parcela da população.

Mas a gente tá aqui.
Mais da metade da população.

Maioria.

E o próprio Querino, este projeto,
é um resultado direto dessas pessoas que nunca desistiram de lutar.

E tá na hora de você entender por que que o projeto tem este nome.

Em 1851, nasceu um menino em Santo Amaro da Purificação, na Bahia.
Ele ficou órfão aos 4 anos de idade,
os pais morreram de uma epidemia de cólera que atingiu o sertão baiano.

O menino, que era livre, foi levado pra Salvador e entregue pra um tutor.

Sabrina Gledhill: Ahn, Manuel Correia Garcia, que é o tutor dele, ele foi um dos primeiros professores e fundadores de uma Escola Normal, ou seja, uma escola que treinava professores.

Tiago Rogero: Esta é a Sabrina Gledhill, pesquisadora e escritora inglesa que morou por muitos anos no Brasil.

E ela tá contando que foi esse tutor que ensinou pro menino as primeiras letras.

Sabrina Gledhill: E naquela época era extremamente raro pra qualquer pessoa, branca, ou negra saber ler e escrever.

Tiago Rogero: Em 1864, teve início a Guerra do Paraguai.

Resumindo muito, o Paraguai era governado por um ditador,
o Brasil interveio numa disputa pelo poder que tava rolando lá no Uruguai,

uma parte da Argentina acabou sendo invadida pelo Paraguai no meio dessa confusão toda,

daí os três países
Brasil, Uruguai e Argentina,

se juntaram contra o Paraguai.

E o nosso menino, agora um adolescente, acabou recrutado pra essa guerra.

Sabrina Gledhill: Foi enviado primeiro para Pernambuco, depois acabou no batalhão no Rio de Janeiro. Mas quando descobriram que ele sabia ler e escrever, ele ficou lá, não mandaram pra frente onde muita gente morreu ou voltou sem um braço, sem uma perna.

Tiago Rogero: O rapaz conseguiu liberação do Exército,
e voltou pra Bahia.

Sabrina Gledhill: Quando ele voltou pra Bahia ele passou a trabalhar como pintor/decorador pra poder custear os estudos quando ele estudava à noite. Ele acabou sendo aluno fundador da Escola de Belas Artes. Foi aluno fundador do Liceu de Artes e Ofícios e o nome dele está lá na relação dos alunos fundadores da Escola.

Tiago Rogero: Por toda a vida adulta, ele foi professor, principalmente de desenho geométrico.

Foi sindicalista, também. E fundou dois jornais.

Foi carnavalesco, um dos diretores de um grupo afro chamado Pândegos da África...

Cê vê que é difícil resumir a vida dele.

E num determinado momento
ele começou a escrever.

Sabrina Gledhill: Ele escreveu dois textos sobre desenho geométrico, que foram usados nas escolas. Escreveu um livro de folclore, 'A Bahia de Outrora', que, acho que o livro dele que é mais conhecido fora do Brasil. Começou a escrever sobre a História da Arte, escreveu dois livros, 'Arte na Bahia' e o 'Artistas Baianos'.

Tiago Rogero: Ele escreveu muita coisa.

O nome dele é

Manuel

Raimundo

Querino.

Sabrina Gledhill: Um intelectual negro que também foi militante, foi jornalista, foi abolicionista, foi líder operário, foi político, foi vereador, foi funcionário público (risos), e isso foi antes que ele começou a escrever. Porque ele só começou a publicar livros depois de aposentar. Aí ele foi o primeiro historiador da arte baiana. Ele foi o pioneiro dos estudos da antropologia culinária da Bahia. O que mais me interessa é que ele também ele foi o primeiro negro, o primeiro intelectual negro, a

reivindicar a contribuição positiva do africano e seus descendentes à civilização brasileira.

Porque ele exigiu o respeito pelo africano e o afro-descendente, que eu sinto que o que ele sentia falta na própria vida, também. Porque quando ele não era tratado com preconceito, era tratado com paternalismo, que é o lado inverso da moeda, né? Nenhum dos dois lados é bom.

Tiago Rogero: O Manuel Querino fez tudo isso num momento em que reinava no Brasil a ideia do racismo dito científico.

Eu uso o "dito científico" porque não tinha comprovação científica nenhuma.

Era um monte de racista, entendido pela sociedade da época como cientista por causa dos diplomas que tinham, espalhando um monte de teoria furada sem conseguir provar.

Mas fazia isso de forma rebuscada, abusando do acadêmiquês, enfim.

Era balela fantasiada de ciência.

Sabrina Gledhill: Os cientistas achavam que o negro e o mestiço estavam fadados a sumir, porque eles pensavam, indo completamente contra todas as regras da botânica e da biologia, que mistura enfraquecesse. E que o negro e o africano não conseguiria resistir frente à, entre aspas, superioridade da civilização branca. Agora, eles estavam se baseando em quê? Um sistema de escravatura onde, em vez de criar novos negros engravidando as mulheres escravizadas, eles importavam porque era mais econômico para eles. Eles matavam os escravos de maus tratos, de tanto trabalho, das péssimas, é, condições de trabalho. Então a conclusão dos racialistas foi porque era por causa de fraqueza, de não suportar a suposta superioridade da civilização branca, mas como podemos ver, a situação foi bem contrária. O negro resistiu e está presente até hoje. Ahn, foi aí que Manuel Querino entrou porque, quando ele começou a trabalhar, fazer as suas pesquisas, ele quis usar o seu próprio exemplo para mostrar que essa ideia, esse estereótipo do negro como boçal ou burro era justamente por falta de oportunidade de estudar.

Tiago Rogero: Jogando o jogo dos brancos, o Querino foi derrubando os argumentos.

Aliás, um outro nome importantíssimo no combate ao racismo dito científico foi o Juliano Moreira, o genial médico negro que revolucionou a psiquiatria brasileira.

E a forma como ele combateu esse racismo foi na arena do conhecimento científico, mesmo.

Da ciência. Derrubando cada falácia com dados. Com estudo.

O Querino já tinha uma pegada mais da História, da construção da imagem do negro, da construção de memória.

Os dois tiveram uma atuação importantíssima na luta contra o racismo, cada um na sua área.

Tem um texto do Manuel Querino, de 1918, que é um dos documentos mais incríveis que eu já li. Começa pelo nome:

"O colono preto como fator da civilização brasileira".

Olha a palavra que ele escolheu: "colono".

Colono é aquele que habita uma colônia; que é membro, que é parte de uma colônia.

O Querino tava colocando o negro pra dentro da História oficial: não como o escravizado subserviente, sem agência, sem conhecimento, que só servia pra executar ordens.

Mas como parte do todo, e uma parte crucial.

Como protagonista.

Nesse livro, ele escreveu que,

"o colono preto é a principal figura, o fator máximo da nossa riqueza econômica, fonte da organização nacional;

que foi o trabalho do negro que aqui sustentou por séculos a nobreza e a propriedade do Brasil: foi com o produto do seu trabalho que tivemos as instituições científicas, letras, artes, comércio, indústria etc.,

competindo-lhe, portanto, um lugar de destaque, como fator da civilização brasileira".

Mas calma que tem mais.

Ele cita o nome de vários intelectuais negros, como Machado de Assis, a família Rebouças, o José do Patrocínio e o Cruz de Souza, e escreve que eles representam,

"o que há de mais seleta nas afirmações do saber. Verdadeiras glórias da nação".

O Manuel Querino dizia que o Brasil possui duas grandezas reais:

a uberdade do solo,

a abundância, né? E uma abundância fértil, fecunda;

Bom, mas a uberdade do solo;

e o talento do mestiço.

E o Querino também foi bem direto ao tratar dos senhores brancos:

dizendo que eram dotados de cobiça, de parasitismo;

e que, fora os funcionários da alta administração, as primeiras levas de colonos portugueses

eram de degredados, de indivíduos viciosos e de soldados de presídio.

Já os africanos ele chamava de "heróis".

Heróis.

Hoje, nada disso é novidade pra gente.

Mas ele fez isso lá na virada do século, quando as autoridades e mesmo a academia só viam o negro de uma forma: como um problema a ser resolvido.

Por isso que o Querino é tido como o primeiro intelectual brasileiro a tratar positivamente o africano e o afrodescendente na nossa História.

A reconhecer o protagonismo das pessoas negras na formação do Brasil.

E por isso que a gente decidiu dar ao projeto o nome do Querino.

Não porque o projeto todo é sobre ele,
e a essa altura você já sabe que não é,
mas como uma forma de menção, de homenagem.

De reconhecimento a alguém que veio antes e que abriu os caminhos.

Um homem negro, nascido 37 anos antes da abolição, que possibilitou toda essa revolução.

E tudo isso porque, a uma criança negra, foi dada a chance de estudar.

Sabrina Gledhill: Certamente ele tentou incluir, e ao meu ver conseguiu, incluiu, o africano na História do Brasil, sim, e de forma positiva. Porque imagens do negro sempre existiram, mas geralmente era como uma péssima influência.

Ele foi um educador porque era professor, ele produziu livros didáticos, mas também ao meu ver ele queria educar, instruir os brasileiros sobre o papel e a cultura dos africanos. E também porque ele acreditava no valor da educação.

Tiago Rogero: Além de pioneiro nas pesquisas da antropologia culinária da Bahia, o Manuel Querino foi um dos precursores dos estudos sobre o candomblé.

Mas apesar de tudo isso,
de tudo o que a gente citou aqui,
ele hoje não é tão lembrado ou reconhecido quanto deveria.

Sabrina Gledhill: Infelizmente eu tenho que dizer, e parece simplório, mas se Manuel Querino não é reconhecido, conhecido, como deveria é por puro preconceito.

Ele era um apaixonado pela educação. E ele usava sua própria história de vida como referência. Ele fez questão de colocar a sua biografia como prefácio, no prefácio de suas obras. Porque ele acreditava que a instrução era a única maneira de fazer o negro progredir.

Tiago Rogero: Esse ideal, da educação como forma de ascensão, foi central pra todos os movimentos negros que surgiram no pós-abolição.

Era um dos pilares da Frente Negra Brasileira, por exemplo, fundada em 1931.

O jornal da Frente Negra fazia críticas constantes não só à forma como as crianças negras eram tratadas nas escolas por professores brancos, mas ao conteúdo dos livros didáticos, que,

"têm dado ao negro a impressão de que os seus antepassados foram uns desgraçados e de que os jovens negros, só por isso, têm de ser sempre uns vencidos".

A Frente Negra tinha uma escola própria e recebia não só crianças negras, mas os filhos de imigrantes também. Por exemplo, os filhos de japoneses que já começavam a se instalar na Liberdade, em São Paulo, onde ficava a sede da Frente Negra.

Aliás, tem uma fala do professor Sílvio Almeida que eu gosto muito.

Foi uma palestra que ele deu em 2018, e ele cita um texto clássico de um sociólogo negro, o Alberto Guerreiro Ramos. O nome do texto é Patologia social do branco brasileiro.

<<<<< som de play >>>>>

Sílvio Almeida: Então o Guerreiro Ramos, ele começa a implicar com uns autores, que são até aliados, né?, que falam sobre 'o problema do negro no Brasil'. Florestan e tal. Aí o Guerreiro Ramos fala assim: 'O problema do Brasil não é o negro, não. O problema não é o negro, o problema é o branco. É o branco que não quer se integrar'.

<<<<< som de stop >>>>>

Tiago Rogero: E na educação isso fica muito evidente.

Quem sempre quis dividir,

segregar,
separar,
quem não aceitava que o filho tivesse um coleguinha negro na caríssima escola particular,

foi o branco.

Quem entregou a educação brasileira pra iniciativa privada, na ditadura militar,
enfraquecendo ainda mais a já combalida educação pública,

foi o branco.

E, de novo, o negro não cruzou os braços.
Não esperou sentado.

Em 1995, quando o assassinato do Zumbi dos Palmares completou 300 anos, os movimentos negros reuniram 30 mil pessoas em Brasília, num 20 de novembro, na marcha Contra o Racismo, Pela Cidadania e a Vida.

O Movimento Negro Unificado entregou ao presidente da época, o Fernando Henrique Cardoso, um documento histórico.
Tinha um diagnóstico da desigualdade no Brasil, mas também propostas.

Entre elas, o desenvolvimento de ações afirmativas pro acesso de negros aos cursos profissionalizantes, às universidades e às áreas de tecnologia de ponta.

Daí em 1996, o Ministério da Justiça fez um seminário e o Marco Maciel, então vice-presidente da República, disse que,

"medidas compensatórias em favor dos negros não representam apenas uma etapa da luta contra a discriminação,
mas o fim de uma era de desigualdade, de exclusão,
se pretendemos uma sociedade mais igualitária e mais justa".

Em 2000, foi aprovada a primeira lei estadual de cotas:
no Rio de Janeiro, com 50% das vagas para egressos da rede pública.

Em 2003, a Universidade Estadual do Rio, a Uerj, foi a primeira a aplicar cotas: pra estudades da rede pública, pra negros e pra indígenas.

Naquele mesmo ano, a Universidade de Brasília, a UnB, foi a primeira federal a adotar o sistema.

Também naquele ano, já na gestão do Luiz Inácio Lula da Silva, foi sancionada uma lei que tornou obrigatório, em todas as escolas de ensino médio e fundamental, públicas e particulares, o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileiras, resultado de décadas de lutas e pressão dos movimentos negros.

Daí o Democratas, o partido, entrou com uma ação no Supremo Tribunal Federal questionando a constitucionalidade das políticas de ação afirmativa. Das cotas.

Teve uma audiência pública no STF, antes da votação, e um dos discursos foi da Sueli Carneiro.

Ativista, filósofa, precursora do feminismo negro brasileiro.

A Sueli disse que tavam em jogo dois projetos distintos de nação. Um que tava ancorado no passado.

E um outro que dialogava com o futuro.

<<<<< som de gravador dando REWIND, e depois PLAY >>>>>

Sueli Carneiro: Os que vislumbram o futuro acreditam que, se as condições históricas nos conduziram a um país em que a cor da pele ou a racialidade das pessoas tornou-se fator gerador de desigualdades, essas condições não estão inscritas no DNA nacional, pois são produto da ação ou inação de seres humanos e por isso mesmo podem ser transformadas, intencionalmente, pela ação dos seres humanos de hoje. É o que esperamos desta Suprema Corte: que ela seja parceira e protagonista de um processo de aprofundamento da democracia, da igualdade e da justiça social.

<<<< som de STOP no gravador >>>>

Tiago Rogero: Por unanimidade, os ministros do STF decidiram que as políticas de ação afirmativa são constitucionais.

Unanimidade.

Tinha um único ministro negro naquela sessão.

Ele também é a única pessoa negra brasileira a já ter ocupado a presidência do STF:
o Joaquim Barbosa.

<<<< som de gravador dando REWIND, e depois PLAY >>>>

Joaquim Barbosa: É natural portanto que as ações afirmativas, mecanismo concebido com vistas a quebrar essa dinâmica perversa, sofram o influxo dessas forças dessas forças contrapostas, e atraiam considerável resistência, sobretudo é claro da parte daqueles que historicamente se beneficiam ou se beneficiaram da discriminação de que são vítimas os grupos minoritários.

<<<< som de STOP no gravador >>>>

Tiago Rogero: Talvez cê não tenha aprendido na escola,
mas cê sabe qual que foi a primeira lei de cotas do ensino brasileiro?

Uma lei de 1968,
da ditadura,

que reservava metade das vagas nas escolas técnicas de ensino médio e nas faculdades,
nos cursos de Agronomia e Veterinária,

pra candidatos que comprovassem relação com a agropecuária.

Na prática, quem a lei acabou beneficiando foram os filhos dos grandes proprietários rurais.

A elite branca rural.

Agro é tudo, agro é pop.

Em 1985, com o início da redemocratização, essa lei foi revogada.

Bom, mas voltando a 2012:

depois que o STF confirmou a constitucionalidade das políticas de ação afirmativa no ensino,
a então presidente Dilma sancionou a chamada Lei de Cotas.

E é a lei que tá em vigor desde então.

E um monte de gente fala um monte de bobagem sobre essa lei.
Fala por exemplo que não concorda com ela porque as cotas deveriam ser sociais,
mas não raciais.

Só que as cotas já são sociais.

O primeiro corte é o seguinte:
metade das vagas devem ser para estudantes das escolas públicas.

Daí dentro dessa fatia,
dentro dessa fatia,
é que são reservadas as vagas pra negros, indígenas e pessoas com deficiência,

proporcionalmente de acordo com a porcentagem desses grupos em cada um dos estados.

Mas é só uma parte desses 50%.

Ou seja: uma pessoa branca, pobre, que estudou em colégio público, está contemplada.
Ela tem a outra parte desses 50% que foram reservados para egressos da rede pública.

Só que a turma contrária vai ficar espalhando mentira sempre porque,
bom,
é isso que eles fazem.

E vão ficar usando isso, e o ódio, pra criticar não só as cotas,
mas o Fies, o ProUni, enfim.

Qualquer coisa que tente tornar o acesso a oportunidades menos desigual.

Sabrina Gledhill: Manuel Querino viu uma grande massa de pessoas que não tinham instrução e muitos que nem tinham ofício...

Tiago Rogero: Aqui de novo a Sabrina Gledhill, que pesquisa a vida e a obra de Manuel Querino.

Ela tem um livro que analisa a trajetória do Querino junto com a do Booker T. Washington, um ex-escravizado estadunidense que também fez da educação, e da elevação da população negra por meio da educação, metas de vida.

Sabrina Gledhill: Então o que eles pensaram, era tentar seguir os padrões europeus do que era civilizado, do que era culto, e colocar o negro nesses conformes. A tragédia disso tudo é que eles acreditavam piamente que a maneira de superar os estereótipos e o preconceito era mostrar que não era nada disso, que o negro não era nada disso, que tinha negros cultos, inteligentes, intelectuais. Mas isso só conseguiu ensandecer os racistas. Porque eles viam isso como uma ameaça.

Davi Pereira Junior: Olha, a minha mãe sempre teve uma coisa...

Tiago Rogero: E de novo o Davi Pereira Junior, que aprendeu a ler e a escrever com a mãe dele, lá na comunidade quilombola.

Davi Pereira Junior: ...porque ela sempre dizia 'Cara, é muito difícil, e universidade é coisa pra branco. Preto pra entrar na universidade é muito difícil'. Porque ela, ela trabalhava na casa de uma pessoa e ela disse que o vestibular ia sair numa segunda-feira, na sexta-feira eles já sabiam que o filho tinha entrado na universidade. Então ela ficou com isso, cara, pra gente é muito difícil porque essa elite, ela controla a entrada da universidade. Né? Mas o que ela, a preocupação dela era dar educação, dar a oportunidade de você ler, de você estudar.

Tiago Rogero: Em 2021, o número de inscritos no Enem foi o menor desde 2005.

Os estudantes negros, que tinham sido 63% dos inscritos em 2020, passaram pra 56%,

e os brancos subiram de 35 pra 41%.

Isso por causa de uma regra que o governo Bolsonaro criou.

De que candidatos que faltaram à edição de 2020, aquela que foi no meio da pandemia, essas pessoas que faltaram não teriam direito à gratuidade de inscrição.

Por causa disso, houve uma queda de 77% no número de inscritos com renda familiar de até três salários mínimos.

Já entre os que pagam a inscrição, teve um aumento de 39%.

A olhos vistos, a gestão Bolsonaro foi cumprindo a promessa de barrar o filho do porteiro, da trabalhadora doméstica,

e de devolver os descendentes dos senhores ao seu lugar de absoluto e irrestrito

privilégio.

O que seria do Brasil sem Manuel Querino,

seria Maria Firmina dos Reis,

sem Machado de Assis,

sem Sueli Carneiro?

Quantos talentos brasileiros já não se perderam,

quantos ainda se perdem e quantos se perderão,

simplesmente por oportunidades que estão sendo negadas?

Tem uma cientista e professora incrível de física, o nome dela é Katemari Rosa, e uma vez ela me falou uma coisa que eu nunca esqueci:

A gente não precisa de muito incentivo pra encontrar genialidades entre as pessoas negras.

A gente só precisa

é que não nos barrem,

não nos matem,

não nos tirem dos espaços.

O projeto Querino é apoiado pelo Instituto Ibirapitanga.

O podcast é produzido pela Rádio Novelo.

O nosso site, projetoquerino.com.br, reúne todas as informações sobre o projeto, e conteúdo adicional. O site foi desenvolvido pela Àiyé.

E eu te convido a conferir também todo o material do projeto Querino que tá sendo publicado pela revista piauí, nas bancas e no site da revista.

Este episódio teve pesquisa de Gilberto Porcidonio, Rafael Domingos Oliveira e Angélica Paulo, que também fez a produção.

A edição é do Lucca Mendes, a sonorização da Júlia Matos e a finalização, da Pipoca Sound.

A checagem é do Gilberto Porcidonio e a música original, do Victor Rodrigues Dias.

Estratégia de promoção, distribuição e conteúdo digital: Bia Ribeiro

A identidade visual é do Draco Imagem.

Os transcritores das entrevistas foram o Guilherme Póvoas e o Rodolfo Vianna.

A locução foi gravada no estúdio da Pipoca Sound, com trabalhos técnicos de Luís Rodrigues..

Consultoria em roteiro de Mariana Jaspe, Paula Scarpin e Flora Thomson-DeVeaux, com revisão de Natália Silva.

Consultoria em História: Ynaê Lopes dos Santos.

Produção-executiva: Guilherme Alpendre.

A execução financeira do projeto é do ISPIS, Instituto Sincronicidade para a Interação Social.

Idealização, reportagem, roteiro, apresentação e coordenação, Tiago Rogero.

Este episódio usou áudios de TV Globo, SBT, Record, GloboNews, BandNews TV e dos canais do STF e do Centro de Formação da Vila no YouTube.

Agradecimentos à Dilercy Adler, ao Agenor Gomes, à Anita Machado e ao Instituto Da Cor Ao Caso.

Até o próximo.